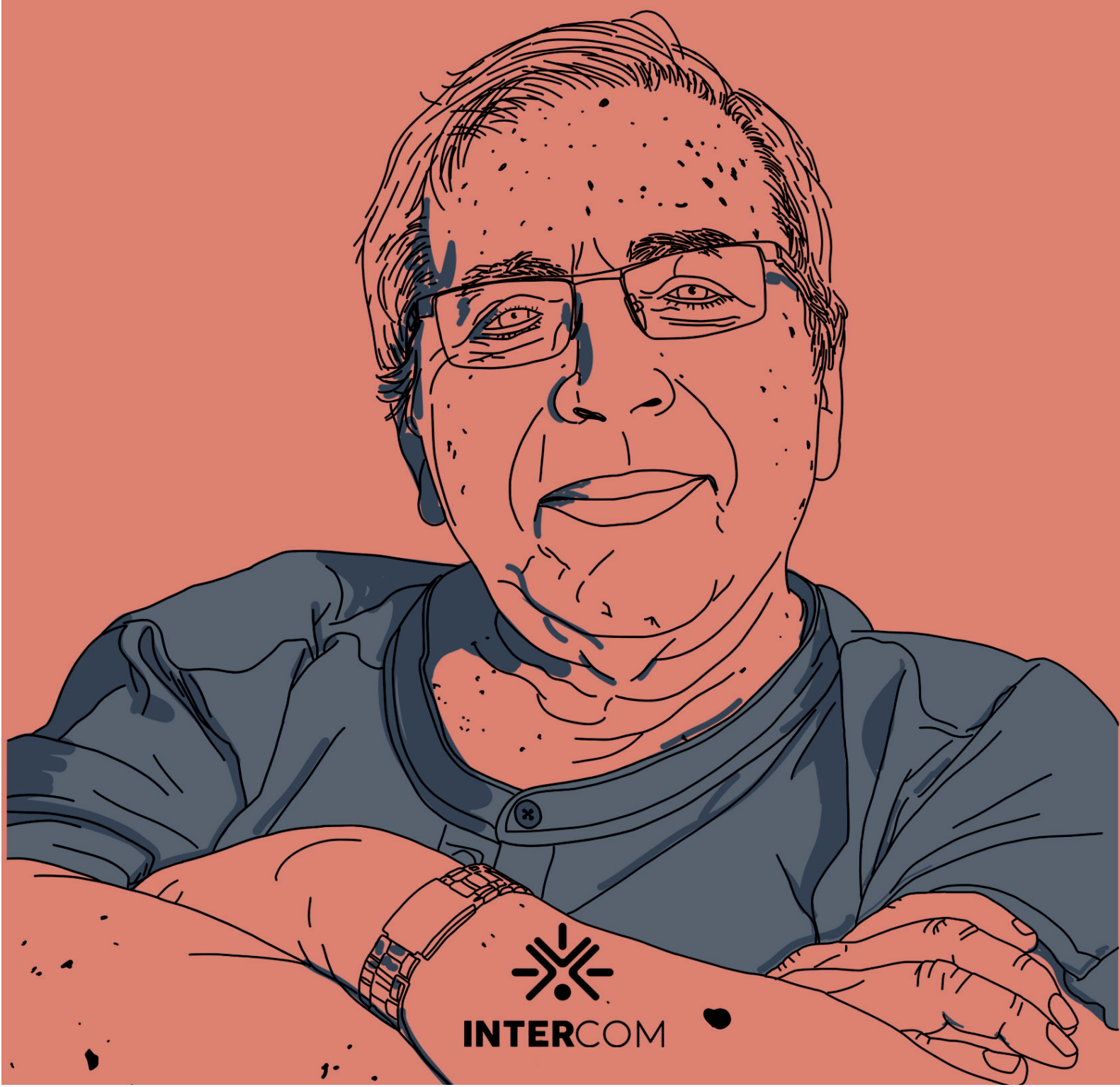


IVANISE HILBIG DE ANDRADE
NARA LYA CABRAL SCABIN
GENIO NASCIMENTO
(organizadores)

JMM, 80 ANOS

MEMÓRIAS E LEGADO NO
CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



IVANISE HILBIG DE ANDRADE
NARA LYA CABRAL SCABIN
GENIO NASCIMENTO
(organizadores)

JMM, 80 ANOS

MEMÓRIAS E LEGADO NO
CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



INTERCOM

Copyright © Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2024.

organização

Ivanise Hilbig de Andrade
Nara Lya Cabral Scabin
Genio Nascimento

edição, projeto editorial e capa

Gênio Editorial

revisão

Mariana Guedes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

JMM, 80 anos: memórias e legado no campo da Comunicação no Brasil
/ organizadores. Ivanise Hilbig de Andrade, Nara Lya Cabral Scabin,
Genio Nascimento . -- São Paulo, SP : Intercom, 2024.

Vários autores.

Contém bibliografias.

ISBN 978-85-8208-141-9

1. José Marques de Melo 2. Memórias 3. Legado I. Andrade, Ivanise
Hilbig de. II. Scabin, Nara Lya Cabral. III. Nascimento, Genio.

24-222248 CDD-300

Índices para catálogo sistemático:

1. José Marques de Melo : Memórias : Legado 300

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

IVANISE HILBIG DE ANDRADE
NARA LYA CABRAL SCABIN
GENIO NASCIMENTO
(organizadores)

JMM, 80 ANOS

MEMÓRIAS E LEGADO NO
CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



INTERCOM

São Paulo
2024

A atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo nas Ciências da Comunicação

Flávio Santana

Por que escrever esse texto?

Por mais de 50 anos José Marques de Melo, professor e pesquisador, se dedicou às Ciências da Comunicação, ensinou a mim e a tantos outros a caminhar em um campo fértil e, por vezes, movediço. Quem o conheceu sabe bem de sua contribuição humana intelectual ao desenvolvimento do campo da Comunicação no Brasil ou do que o próprio professor chamou de Pensamento Comunicacional Brasileiro e Latino-americano. Sua partida em junho de 2018 deixou aos pesquisadores e pesquisadoras contemporâneos a responsabilidade de honrar e perpetuar um grande legado registrado na história e no coração das pessoas que assim como eu tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Meu primeiro contato com Marques de Melo foi pouco mais de um ano antes de sua partida, mas sua pesquisa chegou antes mesmo de trocar suas primeiras palavras comigo. O professor, de alguma forma, participou da minha iniciação à pesquisa, quando, ainda na graduação, iniciei minhas primeiras buscas por uma produção genuinamente brasileira em comunicação diante um vasto acervo de pesquisa internacional.

No dia 22 de novembro de 2017, adentrei a sala de José Marques de Melo na Cátedra Unesco de Comunicação para o

Desenvolvimento Regional na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) para fazer uma entrevista cujo objetivo era meu ingresso no curso de mestrado oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (Póscom) daquela instituição. Nervoso, inseguro e, por alguns momentos, sem acreditar que estaria diante de um dos maiores comunicadores que esse país já tivera, fui tomado por uma imensa dúvida: o que um rapaz jovem, de tão longe, estaria fazendo ali?

Assim que vi sobre a mesa de Marques de Melo todos os meus documentos, projeto de pesquisa e produções científicas, me dei conta que aquilo era tão real quanto o professor que olhava fixamente para mim. Com sua voz baixa, Marques de Melo folheava meu projeto e fazia-me algumas perguntas. Dentre os seus questionamentos, guardo um em especial. Lembro-me exatamente do momento em que me perguntou como minha proposta de investigação poderia contribuir para o desenvolvimento da minha região.

Carrego comigo o questionamento de José Marques de Melo em todo projeto científico que tenho desenvolvido como forma de gratidão ao mestre, em respeito às Ciências da Comunicação e consideração à minha responsabilidade social enquanto pesquisador, meu maior propósito. E o faço não por falta de resposta, mas por usá-lo como lição, uma lição não muito comum dentro dos espaços universitários. Não costumamos identificar, com facilidade, motivos para encontrar uma maneira de transformar a sociedade se não nos dão evidências de como essa transformação pode ser possível.

Pensar um projeto de pesquisa como um primeiro passo para transformar a sociedade tem sido um desafio no Brasil, uma vez que nossa cultura de educação bancária, concepção do educador Paulo Freire, tem raízes históricas que até a contemporaneidade limitam pesquisas dos mais variados

níveis dentro de bibliotecas, ao invés de lançá-las ou aplicá-las à sociedade. É por essa concepção que carregamos o fardo de conviver em uma sociedade onde a universidade e a pesquisa científica pouco ou quase nada significam, o que é um tanto contraditório, já que a transformação social exige a construção e propagação do conhecimento.

Por mais que José Marques de Melo não tenha tido tempo de concluir a minha orientação, minha dissertação carrega muito do que aprendi ao seu lado no tempo que passamos juntos. Posso apresentar dois grandes motivos. Primeiro porque seu questionamento me perseguiu e serviu de base para modificar a abordagem da pesquisa¹. A partir daquele momento, passei a olhar para a minha proposta de investigação como mecanismo de intervenção social, ainda que essa possibilidade não seja possível a curto prazo. Segundo, considerei que os estudos latino-americanos são capazes de responder aos fenômenos apresentados, todo o aporte teórico da dissertação correspondeu a esse recorte, em defesa do Pensamento Comunicacional Latino-americano e contra a “síndrome do vira-lata”, como bem pontuou Marques de Melo.

Não tenho dúvidas de que a relação entre orientando e orientador interfere na construção e na qualidade das pesquisas e garante eficácia, sobretudo na pós-graduação. Desta nossa convivência, seja através do desenvolvimento de projetos ou das trocas de experiências pessoais e humanas, resulta a minha inserção efetiva no campo acadêmico e científico, o reconhecimento daquilo que me propus a desenvolver ao lado do professor e a contribuição que deixo com a pesquisa que desenvolvi.

O interesse do professor Marques de Melo em oportunizar e delegar funções a jovens, assim como eu, a buscar

1. A isso chamo de processo de amadurecimento intelectual, sobre o qual discuti e justifiquei na introdução da minha dissertação (Santana, 2020).

não só uma carreira de destaque no mundo do trabalho, mas fazer aquilo que se relaciona aos interesses do que tanto pregou Paulo Freire: conscientizar cidadãos autônomos e ciente de seu compromisso com a sociedade².

O trabalho intelectual de Marques de Melo se destaca pelos lugares em que esteve, cargos e ofícios que ocupou e o grande respaldo acadêmico-científico das suas pesquisas na formação do Campo da Comunicação no Brasil. No entanto, tratá-lo unicamente como professor e pesquisador muitas vezes dá margem para torná-lo um modelo acabado, imutável. Isso impede, de certa forma, de entender seu papel não apenas como um profissional que fazia parte da elite acadêmica brasileira e internacional, mas como um ser humano que se preocupava em fazer do mundo um lugar de respeito e com igualdade de direitos.

Por isso, não pretendo resumir este texto a uma biografia³ de José de Marques de Melo, tampouco torná-lo mais um texto de homenagem, afinal essas tarefas muitos outros pesquisadores e pesquisadoras assumiram e desenvolveram muito bem. Não desenvolvi um estudo apurado de sua vasta bibliografia e nem pretendo trazer contribuições efetivas. Este esclarecimento é necessário para evitar possíveis mal-entendidos, equívocos e frustrações.

A minha experiência com Marques de Melo foi o meio que a vida me ofereceu para, em 2023, ano que o mestre completaria 80 anos, recobrar minhas lembranças e retomar algumas das lições que nutrem a pujança do meu caminhar. O que eu procuro neste texto, inicialmente, é, a partir dessa reconstrução que faço

2. Sobre esta perspectiva, o educador discute em *Educação e mudança* (Freire, 2018).

3. Recomendo a leitura de dois importantes trabalhos com este propósito: *O Guerreiro Midiático - Biografia de José Marques de Melo*, de Sérgio Mattos (2010), e *José Marques de Melo* (Grandes Nomes da Comunicação), organizado por Maria Cristina Gobbi (2001).

da nossa primeira conversa – momento que traçou um caminho e que nos fez andar juntos no processo do meu amadurecimento intelectual e humano –, apresentar aspectos da trajetória de vida que justificam a atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo nas Ciências da Comunicação.

Para organizar a linha de raciocínio – principalmente para evitar tomar outros rumos diante de sua vasta trajetória –, busco percorrer alguns aspectos históricos de sua trajetória e algumas de suas principais ideias e contribuições. Assim, apresento, nas páginas que seguem, três perspectivas que estão relacionadas ao que considero “o grande diferencial” do mestre e que, para mim, justificam o seu maior legado: a atuação, a brasilidade e o interesse de José Marques de Melo.

Devido às limitações de tempo e espaço e em reconhecimento ao que se tem produzido sobre a atuação do professor Marques, não será possível apresentar tudo o que ele já desenvolveu, mas busco abraçar os aspectos de sua atuação humana que o tornam singular e desbravador de seus próprios pensamentos e indagações.

A atuação de José Marques de Melo

A atuação de José Marques de Melo não começa e nem termina na busca pelo estabelecimento de um campo da Comunicação. Inclusive, essa atuação não se restringe apenas ao que ele produziu, aos seus inúmeros cargos, ofícios e escritos, mas também à forma como desenvolveu seu trabalho – que parte de entender sua atuação humanizadora e sua busca pelo bem e respeito ao próximo.

Advindo de um gueto alagoano, Marques de Melo começou sua carreira na comunicação como “jornalista comunitário” aos 15 anos. Este aspecto demonstra que sua atuação se perpetuava de forma diferenciada, uma vez que o

próprio Marques relacionou a prática jornalística a este âmbito. Este fator demonstra que a interferência do espaço em que conviveu foi significativa ao escolher atuar como jornalista e decidir, mais tarde, seguir carreira de pesquisador.

Lá em Alagoas fui repórter da Gazeta de Alagoas, cobrindo a minha comunidade, Santana do Ipanema. As pautas eram aquelas coisas corriqueiras: casamento, eleição, velório... eu ia prestando atenção nos temas ligados a estagnação da comunidade. O pessoal fazia muita festa, muita comemoração e a escola estava caindo aos pedaços. Havia uma série de problemas ligados à economia, política etc. Essa orientação já era meu desejo de contribuir para a comunidade melhorar. Esse desejo de contribuir para a comunidade melhorar. Esse desejo veio da minha família, que é de classe média, e da influência que eu recebi na escola e na igreja. Eu fui vinculado aos movimentos católicos. Na adolescência, eu já pertencia à cruzada eucarística infantil, que fazia atividades comunitárias (Marques de Melo, 2018, p. 169-170).

Seu interesse pelo jornalismo começou com a paixão pela leitura de livros e jornais diários. Movido pela curiosidade sobre os fundamentos do jornalismo, a partir da influência de Rui Barbosa em *A imprensa e o dever da verdade*, “decide passar da reflexão à ação” (Gobbi, 2001, p. 11). O que se destaca é o valor da atuação de Marques de Melo em encontrar na sua formação uma maneira de intervir na sociedade onde vivia, ainda que fosse desafiador lidar com a verdade dos fatos na prática jornalística, que por vezes não é uma tarefa simples.

No espaço universitário, percebeu a importância da formação jornalística para uma prática responsável baseada em princípios éticos e optou por um jornalismo independente. Dentre suas experiências, destacam-se a aproximação com o

pernambucano Luiz Beltrão e sua experiência no Departamento de Pesquisas do Instituto de Ciências da Informação (Icinform) da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), no qual desenvolveu sondagens sobre o público que consumia informação, como leitores e telespectadores. Essa experiência justifica a atenção aos ensinamentos que até hoje tornam Beltrão referência nos estudos do Jornalismo e da Comunicação na luta pelo aperfeiçoamento dos métodos de comunicação em uma sociedade que buscava se desenvolver, mas não atendia às necessidades profissionais e sociais de um campo ainda muito pouco conhecido no Brasil.

Catedrático no *Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL)*, Luiz Beltrão deu aulas sobre metodologia do ensino de jornalismo, até então uma metodologia questionada, mas também muito cobiçada.

Como o Nordeste não tinha recursos para instalar uma escola de Jornalismo, não tínhamos nem sequer uma máquina de escrever no curso. Então, ele engendrou um método que se chamava Jornal Cabaia. [...]. Nas escolas de Medicina, o aluno entra e recebe um cadáver para dissecar e trabalha quatro, cinco anos com aquele mesmo cadáver. Ele fez a mesma coisa, cada grupo recebia um jornal e mandava a gente dissecar e fazer as críticas. Nos fazia entrevistar os editores, os repórteres, os anunciantes, os leitores. [...]. Depois a gente tinha de criar um novo jornal a partir dessa crítica. Não era só uma pesquisa de denúncia. Esse é um método típico de Beltrão, muito sintonizado com a comunicação para o desenvolvimento (Marques de Melo, 2018, p. 176).

Essa experiência justifica seu interesse pela Folkcomunicação e o quanto o autor dedicou sua carreira acadêmica aos estudos de uma comunicação voltada para o desenvolvimento

em atenção aos métodos de comunicação com os diferentes grupos sociais, o que ascendeu também o desenvolvimento dos estudos folkcomunicacionais⁴. “Beltrão também me inspirou na área da cultura popular. Eu sempre tive predileção pela cultura popular. Desde a minha infância, eu lido com aqueles grupos folclóricos e tal” (Marques de Melo, 2018, p. 176).

A relação de proximidade com Luiz Beltrão justifica a forma como Marques de Melo passou a lidar com os estudantes no espaço universitário, desde o incentivo ao curso de jornalismo, já que naquela época a prática jornalística não oferecia muitos benefícios financeiros, a aproximação concretizada nas atividades que desenvolveram juntos dentro e fora da Unicap⁵.

Ao percorrer as experiências profissionais do professor Marques de Melo, é possível perceber que muitas das funções que assumiu justificam seu lugar no campo científico. Enquanto ainda cursava jornalismo, Marques de Melo viveu uma experiência profissional na Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)⁶, criada em 1959 pelo governo de Juscelino Kubitschek e João Goulart, onde atuou na assessoria técnica, diretamente com Celso Furtado.

À frente da Sudene, coube a Furtado (1959) preparar uma política de desenvolvimento para o Nordeste, a partir de uma análise a respeito da região dentro do quadro do desenvolvimento econômico nacional com algumas

4. Sobre isso, sugiro leitura do artigo que desenvolvi junto a Guilherme Moreira Fernandes e Karina Janz Woitowicz, intitulado Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional, publicado pela *Revista ALAIC* (Fernandes *et al.*, 2021).

5. Sobre isso, sugiro a leitura do livro *José Marques de Melo* (Série Grandes nomes da Comunicação), organizado por Maria Cristina Gobbi (2001).

6. Na época, o órgão foi criado com o intuito de “intervir na região através de um planejamento para o desenvolvimento, principalmente devido a problemas mais urgentes, como a constante seca, fator de irregularidade do clima; o elevado número de mão-de-obra; as políticas de desenvolvimento adotadas do país; e a transferências de recursos para fora da região” (Santana, 2020).

considerações e recomendações que objetivavam modificar e solucionar os problemas da região.

O método de Furtado (1974) partia de explicar o caso do subdesenvolvimento brasileiro como uma situação de dependência a partir de uma visão da economia mundial em contraste com a dinâmica das economias dominadas e um aprofundamento a respeito das raízes históricas. A dependência e o subdesenvolvimento tratam-se, assim, de dois processos que causam crescentes desequilíbrios sociais, políticos e econômicos.

Para Furtado (1974), muito mais que um processo de evolução econômica, o desenvolvimento deveria tratar-se de adaptação das estruturas sociais a uma abertura de novas possibilidades ao ser humano, sem que a dimensão econômica se desvincule da dimensão cultural. Ou seja, em qualquer concepção o desenvolvimento deveria resultar do avanço econômico paralelo à melhoria na qualidade de vida, na busca constante pela diminuição da pobreza, do desemprego e da desigualdade, e na promoção de condições de saúde, alimentação, educação e moradia.

Esse pensamento foi significativo para os primeiros estudos da Comunicação no Brasil que se desenvolvia aos poucos, sobretudo a partir dos anos 1960. A maior aproximação de José Marques de Melo com a literatura de Comunicação para o Desenvolvimento aconteceu após a conclusão da graduação, no curso de Pós-graduação em Ciências da Informação Coletiva, promovido pela CIESPAL.

Eu queria fazer comunicação para ajudar a resolver os problemas da minha comunidade. Foi com essa noção de desenvolvimento que percebi o desenvolvimento comunitário. Eu não faço essa separação entre comunicação para o desenvolvimento e comunicação. Não há comunicação para o não desenvolvimento. Comunicação é a essência do desenvolvimento.

Sem liberdade, sem democracia não podemos ter progresso (Marques de Melo, 2018, p. 171).

O cenário político brasileiro levou Marques de Melo a São Paulo e a sua vocação de professor o permitiu entrar e fundar a Escola de Comunicações e Artes (ECA) na Universidade de São Paulo (USP). Foi escolhido para comandar o recém-fundado Departamento de Jornalismo da ECA, no qual estruturou a grade curricular, implantou laboratórios e contratou professores, funcionários e monitores. Ganhou projeção internacional por sua participação na revisão do currículo mínimo do curso de Jornalismo, pelo Ministério da Educação, e na regulamentação da profissão de Jornalista no Ministério do Trabalho (Gobbi, 2001).

O interesse por sua área de investigação em um período de forte pressão política, devido às consequências do Golpe Militar de 1964, só foi plenamente efetivo quando, cassado seu cargo na USP – onde permaneceu em um primeiro momento entre os anos de 1966 e 1974 –, passou a atuar na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Foi na Metodista que ele desenvolveu a linha *Comunicação para o Desenvolvimento* e construiu um espaço alternativo de envolvimento com os estudos da América Latina em um projeto de internacionalização dos estudos de Comunicação do Brasil. Embora sua trajetória como jornalista fosse significativa, Marques de Melo viu a necessidade de priorizar o trabalho acadêmico, ainda mais quando percebeu que sua trajetória havia sido impactada pelas atribuições em um campo que vivia um processo de construção. Com orgulho, se dedicou à sistematização e à legitimação das Ciências da Comunicação, sobretudo quando esta área entrava em uma condição marginalizada no panorama universitário brasileiro.

Na contramão dos momentos de tensão e forte repressão vividos pelo Brasil, Marques de Melo seguiu fiel à sua paixão e não permitiu que o cansaço o impedisse de superar sua ambição em fazer do país um lugar mais justo. Ainda que tenha retornado à USP após sua anistia e se aposentado em 1993, permaneceu na instituição até 1999, em atenção ao trabalho de orientador de estudantes dos cursos de mestrado e doutorado.

Além disso, no meio desse período participou da fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), um legado que foi semeado e atualmente deixa inúmeros jovens (outros nem tão jovens assim) que seguiram no campo da pesquisa científica nos centros de investigação e universidades ou nos mais variados postos de trabalhos. Sem dúvidas, um dos seus maiores legados.

A brasilidade no trabalho de José Marques de Melo

O que poderia definir a brasilidade senão a lealdade pela identidade cultural de um povo? Qualidade própria daquilo que nos faz brasileiros e brasileiras, uma das maneiras de compreendê-la é por meio do reconhecimento de toda produção concreta ou simbólica daquilo que carrega o sentido da concepção identitária.

O que chamo de brasilidade tem a ver a com a luta de José Marques de Melo pela nacionalização da pesquisa em Comunicação desenvolvida no Brasil, em consideração ao reconhecimento da produção local dentro de um campo legitimamente brasileiro e sua consequente internacionalização – através da projeção de destaque no âmbito mundial a partir da Escola Latino-Americana de Comunicação.

A discussão sobre o campo científico da Comunicação não é nova, mas a formação de uma comunidade acadêmica mundial só ganhou respaldo no século XX, depois da Segunda

Guerra Mundial. Historicamente esse campo se constituiu um pouco antes desse período nos Estados Unidos da América (EUA). Marques de Melo (2008b, p. 8) reconhece que o Brasil até participou desse momento histórico, “mas ficou ausente da vida comunitária por falta de uma comunidade nacional organicamente constituída”.

Mas como desenvolver um novo campo do saber em uma sociedade tão complexa como a brasileira? Justamente por compreender essa realidade que Marques de Melo (2003, p. 33) entende que o nascimento de um campo surge como consequência das demandas coletivas em um processo de compreensão e controle dos fenômenos sociais emergentes. “Começa na base da sociedade, robustecido pelo senso comum. Amplia-se e desenvolve-se no interior das organizações profissionais, culminando com uma legitimação cognitiva por parte da academia”. De forma breve, a formação do campo requer a efetiva convergência entre a *práxis*, a partir da aplicação do saber acumulado, e a teoria, apropriação do saber prático, através do ensino e da pesquisa.

A problemática do não reconhecimento da produção local vai justamente em direção às metodologias insuficientes para interpretar a realidade brasileira, que possuía significativa particularidade frente ao cenário mundial no que se refere ao cenário social e comunicacional. “A natureza continental e a topografia acidentada do espaço brasileiro inibiram, durante vários séculos, a interiorização dos fluxos comunicacionais” (Marques de Melo, 2015b, p. 17), uma vez que “a institucionalização do cenário midiático brasileiro está relacionada ao período histórico de desenvolvimento econômico (Marques de Melo, 2011).

É por esta perspectiva que os estudos de Marques de Melo seguiam a noção de uma comunicação voltada para um desenvolvimento numa perspectiva social, principalmente

porque historicamente a industrialização transforma o ritmo da sociedade, acelera a urbanização e atinge a comunicação, juntamente com as novas determinações político-ideológicas. Essa forma, segundo Marques de Melo (1976), demonstra que a alta concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos e grandes empresários e políticos se torna ameaça à pluralidade da mídia e um risco à democracia.

O outro lado da moeda vai ao encontro do que Luiz Beltrão (2014) propôs ao demonstrar que muitos indivíduos seguiam à margem, invisibilizados econômica, política, social e culturalmente, frente a uma elite dirigente que desconsiderava as alternativas de organização destes, pensamento que deu base para a formulação da folkcomunicação.

Por reconhecer a urgência de avaliar essa realidade, a atuação pela democratização do conhecimento foi marco na vida de Marques de Melo. Essa ideia partia da necessidade de fortalecer os estudos da Comunicação focados na realidade brasileira a partir das investigações científicas e reflexões do campo comunicacional, bem como a vida e a obra daqueles e daquelas que se destacaram no estudo, na divulgação e, principalmente, no fortalecimento do conhecimento da comunicação no país⁷.

Tendo em vista a escassez de obras em circulação no mercado nacional que pudessem suprir as carências intelectuais dos jovens ingressantes em nossas faculdades de comunicação, empreendi uma ambiciosa cruzada para divulgar suas ideias, tanto através de antologias quanto de opúsculos editados pela gráfica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. [...]. Fazia falta uma obra de referência contendo o inventário crítico das contribuições humanísticas ao campo comunicacional, considerando que a escassez de cabeças

7. Uma característica dessa atuação se baseou na preferência por livros físicos, ao invés de artigos científicos, por exemplo, por considerar o grau de acessibilidade a essas obras nas bibliotecas distribuídas nas universidades do país.

pensantes inibia a exposição pública dos que tinham acumulado conhecimento nessa área (Marques de Melo, 2015a, p. 28).

Essa perspectiva se baseia em nutrir os espaços universitários com uma produção local que instituísse mecanismos de cooperação e intercâmbios, no sentido de acabar com o “complexo de inferioridade” ou “síndrome do colonizado” e estimular a pesquisa crítica em consideração ao “[...] legado humanístico dos pensadores brasileiros que antecederam a constituição do campo acadêmico da comunicação” (Marques de Melo, 2015a, p. 37).

Frente ao pensamento científico colonial no âmbito da cultura e da comunicação, da clareza da exclusão dos estudos voltados realidades locais e regionais, impostos pela ciência moderna, José Marques de Melo questiona as diferenças entre os marcos teóricos e a realidade estudada, por considerar, principalmente, que tanto o campo da Comunicação no Brasil quanto na América Latina correm riscos de serem esquecidos em seus próprios territórios, fenômeno típico das sociedades periféricas.

Corroídas pelo complexo do colonizado, suas universidades se estruturam segundo modelos forâneos, deles constituindo muitas vezes aparelhos a-críticos. Mais grave ainda: seus intelectuais padecem da doença infantil do reprodutivismo deslumbrado, preferindo buscar referências (defasadas ou impróprias) apenas nas fontes do conhecimento d'além fronteiras. Vacilam, portanto, em reconhecer as singularidades dos pensadores regionais ou nacionais que os procederam, legando-lhes contribuições inovadoras ou problematizantes (Marques de Melo, 2003, p. 43).

O alcance de visibilidade mundial só acontece a partir da década de 1990, quando o Brasil obteve “condições de participar

do debate internacional sobre as questões comunicacionais no mundo contemporâneo (Marques de Melo, 2015a, p. 30) em uma virada de chave em sua história ao receber o Congresso Bienal da *International Association for Media and Communication Research* (IAMCR) no Guarujá, em 1992.

Marques de Melo (1999) reconhece o papel fundamental do Ciespal na realidade latino-americana na realização de projetos descritivos ou interpretativos sobre as estruturas comunicacionais das nações da referida região, que mais tarde são reproduzidas nas universidades locais. A formação e a legitimação do campo no âmbito brasileiro se devem às iniciativas de Luiz Beltrão e às ações de entidades como a Intercom que deram prosseguimento e incentivo à produção e à circulação de pesquisas na área⁸.

O desenvolvimento de pesquisas a partir das iniciativas da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, instalada em 1996 na Metodista, também foi primordial para “o fortalecimento das identidades culturais regionais e locais, e o resgate das pesquisas em comunicação da América Latina, articulação acadêmica internacional entre pesquisadores latino-americanos” (Santana, 2017, p. 10), o que deu origem e reconhecimento ao Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-americano, sobretudo a partir da virada do século⁹.

O interesse de José Marques de Melo

Após as páginas de esclarecimento da atuação humanística e a defesa pela brasilidade de José Marques de Melo que antecede

8. Sobre a projeção brasileira na Escola Latino-americana de Comunicação, conferir o texto de José Marques de Melo (1999).

9. Sobre a Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento regional, sugiro conferir o texto “Cátedra, um olhar retrospectivo” publicado no *Anuário Unesco* sobre o importante papel das pesquisas desenvolvidas sob a coordenação do professor Marques de Melo de 1996 a 2018 (Santana, 2017).

este último tópico, as razões pelas quais o intelectual se dedicou às Ciências da Comunicação são relativamente óbvias. Em uma perspectiva profissional e intelectual, poderíamos considerar que o seu maior objetivo era dar projeção mundial aos estudos comunicacionais brasileiros e latino-americanos na formação de um campo sedimentado, estruturado e bem localizado. No entanto, ainda não nos é possível enxergar claramente esses interesses se não considerarmos que suas iniciativas tratam de meios para alcançar um fim: o bem-estar social.

Enfrentamos um grande desafio histórico: superar o “mutismo” do homem brasileiro, evitando que a palavra permaneça como privilégio de poucos. Não se trata de apenas favorecer a loquacidade dos cidadãos, mas de fomentar a difusão de conteúdos socialmente relevantes, de modo a nutrir o discurso coletivo (Marques de Melo, 2010, p. 10).

Há razões óbvias para seguir com esse pensamento. Primeiro, que seu propósito começa na própria decisão de fazer jornalismo e contribuir com o campo, que posteriormente se expande para a defesa da Comunicação. Segundo, pela sua própria noção de atuação profissional em prol da sociedade. Em outras palavras, seu trabalho busca trazer significado e incentivo a uma “ação coletiva”, ou seja, “cruzada disposta a preservar a saúde do planeta e tornar melhores as condições de vida dos seus habitantes” (Marques de Melo, 2010, p. 11). Essa atuação vai ao encontro da lógica da comunicação como prática de liberdade em uma noção freireana em que a educação dialógica não é simplesmente uma transferência de saber, mas um encontro de sujeitos que põe em xeque a significação dos seus significados (Freire, 1983).

Tanto é que os estudos da própria perspectiva teórica da Comunicação para o Desenvolvimento quanto o da Folkcomunicação estão entrelaçados na noção da realidade

brasileira no decorrer do processo de desenvolvimento capitalista enfrentado no Brasil principalmente a partir da década de 1960. Concluía-se que à medida que a sociedade avançava, se distanciavam cada vez mais os grupos e seus ideais, com a criação de entraves na comunicação que se refletiam nas diferenças sociais, econômicas e culturais (Beltrão, 2014)¹⁰.

Abandonados à própria sorte, por uma libertação tardia ocorrida no final do século XIX, os remanescentes da escravidão agravaram o êxodo rural, engrossando as comunidades marginais que deram origem às favelas hoje espalhadas pelos cinturões metropolitanos. Nesses guetos, eles se comunicam de forma rudimentar. Valendo-se de expressões folkcomunicacionais enraizadas nas tradições étnicas, vão se adaptando às cidades. E defrontam-se empaticamente com as expressões culturais geradas pelos fluxos massivos (cinema, disco, rádio, televisão) resultantes das descendências culturais europeias (Marques de Melo, 2015b, p. 18).

Por essa perspectiva, Marques de Melo (2015b) defende que o Estado deve reconhecer a Comunicação e se abrir às políticas públicas de comunicação frente às demandas do século XXI em consideração à exclusão comunicacional de grande parte da população brasileira. Trata-se, portanto, de reduzir o impasse institucional, no que se refere ao quadro de exclusão social e da indigência educacional a partir da avaliação e da projeção de ações para a construção de políticas coerentes com a realidade brasileira.

Breves considerações

O grande legado de José Marques de Melo foi brevemente apresentado nas páginas anteriores e está intrinsecamente

10. Juntamente com Camila Escudero e Guilherme Moreira Fernandes, propus o cruzamento entre a Folkcomunicação e a Comunicação para o Desenvolvimento, cf. Santana *et al.* (2023).

relacionado à sua produção intelectual e humana. Intelectual porque a partir de toda experiência que adquiriu e das funções que assumiu durante toda a sua vida construiu uma vasta obra que, sem dúvidas, não será esquecida e nem apagada. Humana, por sua vez, porque carregou em suas veias o sangue de um cidadão de um gueto alagoano capaz de semear afetos para além das fronteiras do fazer ciência e conquistar lugar no coração de todas e todos aqueles que, assim como eu, tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Ao professor Marques, ao seu legado e a todos os seus seguidores e seguidoras, amigos, amigas e familiares, peço perdão por propor em tão poucas páginas apresentar aspectos de uma trajetória de vida jamais se resumiria em um capítulo ou um livro. Obviamente estou fora do seu tempo, das grandes experiências que viveu, fora de muitos dos laços de afeto que Marques de Melo estabeleceu durante sua jornada em vida. Mas reconheço a necessidade de registrar parte de sua breve passagem em minha vida para demonstrar, nas linhas que escrevi, o que aprendi com o mestre e o quanto a minha trajetória deve à sua existência. Talvez essa tenha sido, desde a sua partida, a maneira que encontrei de registrar a sua importância não só no campo científico, mas na vida de quem ainda acredita que é possível tornar esse mundo um lugar melhor.

Referências

Beltrão, L. **Folkcomunicação**: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. 2. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

Fernandes, G. M. et al. Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación Online**, v. 20, p. 60-71, 2021.

Freire, P. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1983.

Freire, P. **Educação e mudança**. 38 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

Furtado, C. **Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959.

Furtado, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Gobbi, M. C. Parte 1 – formação e trajetória acadêmica. In: Gobbi, M. C. (org.). **José Marques de Melo** (Série Grandes nomes da Comunicação). Recife: Unicap; Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001. p. 11-68.

Marques de Melo, J. **Comunicação, opinião e desenvolvimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

Marques de Melo, J. **Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

Marques de Melo, J. Escola Latino-Americana de Comunicação – gênese, crescimento, perspectiva. In: Marques de Melo, J.; Gobbi, M. C. (Org.). **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano: o protagonismo das instituições pioneiras Ciespal, Icinform, Ininco**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

Marques de Melo, J. **História do pensamento comunicacional: cenários e personagens**. São Paulo: Paulus, 2003.

Marques de Melo, J. O Campo da comunicação no Brasil. In: Marques de Melo, J. (org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008a.

Marques de Melo, J. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Maud X, 2008b.

Marques de Melo, J. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008c.

Marques de Melo, J. **Os caminhos cruzados da comunicação:**

política, economia e cultural. São Paulo: Paulus, 2010.

Marques de Melo, J. **Brasil democrático: comunicação e desenvolvimento**. Brasília: Ipea, 2011.

Marques de Melo, J. José Marques de Melo: A prima pobre das ciências sociais. [Entrevista cedida a] Mariluce Moura. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, Ed. 201, nov. 2012. Disponível em: <revistapesquisa.fapesp.br/jose-marques-de-melo-a-prima-pobre-das-ciencias-sociais>. Acesso em: 01 out. 2023.

Marques de Melo, J. Introdução. In: Marques de Melo, J.; Fernandes, G. M. (orgs.). **Pensamento comunicacional brasileiro – o legado das Ciências Humanas III: Mídia e Consumo**. São Paulo: Paulus, 2015a. p. 27-40.

Marques de Melo, J. Políticas públicas de comunicação: desafios brasileiros na era digital. In: Schmidt, C.; Valente, H.; Prados, R. M. **Mídia e políticas culturais**. São Paulo: Ícone, 2015b. p. 52-64.

Marques de Melo, J. A comunicação serve para que?": Prof. Marques de Melo e sua trajetória de jornalismo comunitário, resistência civil e comunicação para o desenvolvimento. [Entrevista cedida a] Thomas Tufte. **Intercom RBCC**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 169-185, maio/ago. 2018.

Santana, F. Cátedra, um olhar retrospectivo. *Anuário Unesco/ Metodista de Comunicação Regional*, Ano 21 n. 21, p. 9-12, jan./dez. 2017.

Santana, F. **O Caranguejo e a construção da identidade cultural de Aracaju: uma análise folkcomunicacional**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

Santana, F. *et al.* Aproximações teóricas e metodológicas entre a Folkcomunicação e a Comunicação para o Desenvolvimento (C4D). **Intercom RBCC**, São Paulo, v. 46, p. 1-16, 2023.

Mattos, S. **O Guerreiro Midiático: biografia de José Marques de Melo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Intercom, 2014.